

COISAS DA POLÍTICA

■ TEODOMIRO BRAGA

Descamisados de 2000 e as eleições de 2002

eleição presidencial

O cientista político Marcos Coimbra, do Instituto Vox Populi, desfaç a tese de Delfim Netto de que – repetindo o que ocorreu na sucessão de Itamar Franco em 1994 –, com o real forte e a economia crescendo a taxas elevadas nos próximos três anos, Fernando Henrique elege qualquer um à sua sucessão – até mesmo um poste. Tanto quanto a recuperação da economia, adverte Coimbra, o povo quer mudança radical nos rumos da política comandada por FH.

Certo ou errado, o atual modelo de desenvolvimento se esgotou, no conceito popular, apontam claramente as pesquisas do Vox Populi. Estas sondagens indicam um irreversível desejo nacional de renovação e mudanças em relação ao que aí está – na política e na economia. Quando as pesquisas cotejam candidatos que representam o *status quo* contra nomes identificados com as mudanças, revela Coimbra, vencem com folga os políticos “mudancionistas”.

Traduzindo para o dia-dia, isto quer dizer que FH, se quiser fazer o sucessor, terá de incorporar à sua política econômica os fatores pelos quais anseiam os milhões de descamisados hoje mais órfãos do que nunca: aumento de emprego, salário mínimo maior, juros mais baixos, solução para conflitos pela posse da terra, mais atenção aos aposentados e por aí afora. Fernando Henrique sabe desse sentimento popular e deve ter sido convencido de que a estabilidade econômica ainda é frágil e não permite ampliar mais a agenda social de sua administração.

A vontade de mudança também é traduzida nas pesquisas para as eleições municipais que se aproximam. Apenas 26% dos entrevistados responderam positivamente à pergunta se pretendiam reeleger o prefeito de sua cidade, segundo pesquisa realizada pelo Vox Populi entre 18 e 20 de março, em 195 municípios, num universo de duas mil pessoas. Só 9% admitiram votar em outro candidato que continuasse o trabalho do atual prefeito. Perguntados se votaria em outro candidato disposto a fazer mudanças, 58% dos entrevistados responderam positivamente.

Essa pesquisa do Vox Populi contradiz com o prognóstico do presidente do Ibope, Carlos Augusto Montenegro, de que a maioria dos atuais prefeitos deverá se reeleger (sua previsão, porém, se baseia mais na suposição de que os temas locais deverão dominar o pleito de outubro próximo). Mas os dois analistas políticos coincidem em outros importantes pontos em relação às eleições de 2002, como o de que a geração dos políticos há décadas em cena não tem chances no próximo pleito presidencial e que o governador do Rio, Anthony Garotinho, é o único nome novo que desponta no cenário político nacional. Isso ajuda a explicar, em parte, o bombardeio que o governador fluminense vem sofrendo nas últimas semanas e que ameaça abalar sua imagem positiva até então.

Segundo Coimbra, Garotinho desfruta de condições para aspirar a sonhos políticos mais altos ao reunir em sua biografia elementos valorizados pelo povão, como origem pobre, forte apego à família e à religião e um discurso político voltado para os mais humildes. A continuação de sua trajetória bem-sucedida dependerá da sua reação aos recentes escândalos que comprometeram sua administração. Coimbra acredita, porém, que ele tem tempo para se recuperar até 2002.

Outro presidenciável fortíssimo, segundo Coimbra e Montenegro, é o ex-ministro Ciro Gomes, que está colhendo os frutos da sua candidatura em 1998 – quando fez 10% dos votos e tornou-se conhecido nacionalmente. Coimbra vê a candidatura de Lula com mais pessimismo do que seu concorrente do Ibope, lembrando que os pontos obtidos pelo petista nas pesquisas à presidência em fases anteriores às campanhas eleitorais vêm caindo acentuadamente: em 1994 Lula oscilava entre 36% e 37% nas pesquisas; em 1998, entre 28% e 30%; agora, está estagnado no patamar de 20% das preferências dos eleitores.

“Lula está em declínio”, vaticina o presidente do Vox Populi, assinalando que, ao não lançar outra candidatura em 1998, o PT perdeu grande chance de poupar sua maior estrela de uma terceira derrota consecutiva e criar nova opção no partido, que hoje poderia estar numa situação parecida com a de Ciro Gomes em termos populares.

O último candidato em condições de vencer as eleições seria o “vulto” – segundo a expressão usada por Montenegro – que FH indicou como candidato da situação caso a economia esteja indo de vento em popa em 2002 – e a agenda social na ordem do dia. Há ministros no governo favoráveis a uma correção na rota governamental para atender esse apelo popular por mais atenção ao social. Um deles é o ministro da Saúde, José Serra, que achava absurda a política de câmbio praticada antes de Armínio Fraga e agora não vê sentido na continuidade da política de juros altos.

José Serra, seu colega de ministério Paulo Renato e o governador do Ceará, Tasso Jereissati, são os “vultos do tucanato” que poderiam se viabilizar eleitoralmente na hipótese de alteração na estratégia de FH. Presidenciável número um do PSDB, o governador Mário Covas recuperou a saúde mas perdeu a popularidade, e atualmente é um dos governadores com pior avaliação no país. Se a eleição fosse hoje, Covas teria menos de 10% dos votos em seu estado.

O grande dilema – ou desafio – do PSDB, segundo Coimbra, é convencer o governo a fazer as ações sociais de impacto que a população carente vem clamando. Mesmo que a ala desenvolvimentista do partido triunfe, há outro problema: faltando apenas pouco mais de dois anos e meio de mandato, o tempo para mudar a cara do segundo governo FH talvez não seja mais suficiente.